

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gisele Márcia de Oliveira

**UM ESTUDO NO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS RELAÇÕES  
TECIDAS POR ESTUDANTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Belo Horizonte  
2019

Gisele Márcia de Oliveira

**UM ESTUDO NO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS RELAÇÕES  
TECIDAS POR ESTUDANTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em nome da área.

Orientadora: Danielle Alves Martins

Belo Horizonte  
2019

O48e

Oliveira, Gisele Márcia de, 1981-

Um estudo no ensino fundamental sobre as relações tecidas por estudantes no contexto escolar [manuscrito] / Gisele Márcia de Oliveira . - Belo Horizonte, 2019.

49 f., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Danielle Alves Martins

CDD- 370.981

**Catálogo da Fonte** : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>†</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO NONAGÉSIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO CURSO  
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO  
COTIDIANO ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**Um estudo no Ensino Fundamental sobre as relações tecidas por estudantes no contexto escolar**”, do(a) aluno(a) **Gisele Márcia de Oliveira**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Danielle Alves Martins (orientador), André Augusto Deodato e Luciana Pereira de Sousa. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 90, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional ([www.repositorio.ufmg.br](http://www.repositorio.ufmg.br)). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Gisele Márcia de Oliveira  
Gisele Márcia de Oliveira

Registro na UFMG: 2018751799

Danielle Alves Martins  
Danielle Alves Martins  
Professor(a) Orientador(a)

André Augusto Deodato  
André Augusto Deodato  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana P. de Sousa  
Luciana Pereira de Sousa  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me sustentado.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise das relações que os estudantes de uma escola da Rede Municipal de educação de Belo Horizonte estabelecem com o ambiente escolar. O tema da pesquisa surgiu a partir das observações da pesquisadora do próprio ambiente escolar e da hipótese de que os estudantes não se identificavam com este espaço. Mais especificamente, a pesquisa buscou investigar quais elementos favorecem uma relação positiva com a escola, quais proporcionam uma relação negativa e também buscou compreender como se dá a relação com o saber. Para tanto, foram aplicados questionários, além de uma roda de conversa, produção de textos escritos e desenhos, como forma dos estudantes expressarem seus pontos de vista a respeito de alguns aspectos da escola. De forma geral, os dados apontaram que os alunos estabelecem com o ambiente escolar uma relação positiva, e o elemento mais marcante nessa relação é a socialização, o estar com o outro. Além de apontarem de forma consciente ou não a importância da escola para o futuro de cada um deles.

Palavras chave: Relação aluno x escola. Ambiente escolar. Aprendizagem.

## ABSTRAC

The following project presents an analysis of the relationship students from the municipal school system of Belo Horizonte establish with their school environment. This research topic arose from the observations of researchers of this same school environment and from the hypothesis that students do not identify with this environment. More specifically, this research investigates what elements favor a positive relationship with school, what elements lead to a negative relationship, and this study searched for how this relationship forms. For this reason, questionnaires were given, conversations were recorded, and texts, writings and drawings were collected as a way for the students to express their point of view in relation to aspects of school. In general, the data pointed out that students establish a positive relationship with their own school environment, and the most impactful element in this relationship and socialization was being together. In addition, students, consciously or not, indicated the importance of school to each of their own futures.

Key words: Student relationship x school. School environment. Learning.

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Número de faltas por ano.....	15
Tabela 2 – O que você mais gosta/O que você menos gosta.....	21
Tabela 3 – Você consegue entender o que a professora explica nas aulas.....	22
Tabela 4 – Você tem interesse/vontade em assistir as aulas?.....	22
Tabela 5 – O que te faz (ou faria) gostar das aulas?.....	23
Tabela 6 – Disciplinas oferecidas na escola.....	24
Tabela 7 – Preferência entre e aula.....	25
Tabela 8 – O que você gostaria que tivesse na escola para que você gostasse mais dela?.....	25



## Lista de figuras

Figura 1 – Ana Flavia, 4°C.....	27
Figura 2 – Alice, 4°C.....	27
Figura 3 – Felipe, 4°C.....	29

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Objetivos.....	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
2 A RELAÇÃO ALUNO ESCOLA.....	12
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO.....	17
4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	20
4.1 Os questionários.....	20
4.2 Os trabalhos dos alunos.....	26
4.3 A roda de conversa.....	30
4.4 A relação com a literatura.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	42
7 ANEXOS	
Anexo A.....	43
Anexo B:.....	44

## 1 INTRODUÇÃO

É importante considerar todas as transformações pelas quais a sociedade passou no último século. Nesse sentido, a escola não ficou de fora. Fazendo um breve histórico, nas décadas de 1960 e 1970 a escola, no Brasil, foi pensada em uma lógica econômica: ela foi colocada a serviço do desenvolvimento, de forma a gerar desenvolvimento tanto para o país como para o indivíduo. De certa forma, como ressalta Charlot (2013), a escola era vista como um elevador social, aquela que poderia proporcionar ao sujeito uma melhoria de vida, uma ascensão social, dando assim a todos igualdade de oportunidades. Já desde a década de 1980 até o presente momento, de acordo com o mesmo autor, a escola é pensada, de acordo com novas formas econômicas, sociais e educacionais. Essa nova estruturação está relacionada a lógicas de qualidade, eficácia e diversificação. Dessa forma, passamos de um estado que antes era desenvolvimentista para um estado regulador.

Nesse sentido, a escola passa a ser abordada sob a ótica da qualidade e ser constantemente avaliada. Tudo isso afeta o funcionamento anterior da escola e as relações nela estabelecidas. A própria relação que é estabelecida entre os estudantes e destes com o ambiente escolar também apresenta mudanças. A escola é um espaço onde os indivíduos estabelecem relações de convivência de aprendizagens e vivências, além de ser um ambiente de troca de conhecimento entre os sujeitos nela envolvidos. É importante ressaltar também que a escola é um espaço de constantes conflitos.

Dito isso, é preciso considerar o atual cenário escolar, com um grande número de estudantes desinteressados, sem vontade de aprender ou de estar na escola, muitas vezes, por não ver nela um lugar atrativo. Se perguntarmos para a maioria dos estudantes o que eles veem fazer na escola, com certeza a maioria deles irá responder unanimemente que é ESTUDAR. Mas o que significa estudar para essas crianças? Aprender o que? E para que?

Conforme observamos no contexto da escola, onde a pesquisa será realizada, a maioria das crianças vem de famílias cujos membros estudaram pouco e dentre os que avançaram um pouco mais nos estudos, uma pequena parcela alcançou empregos que tenham prestígio social. A maioria dos membros das famílias tem trabalhos que a sociedade considera subempregos. Então, é

convincente dizer para estes estudantes que eles deveriam estudar para melhorar de vida? Que só a educação pode dar a eles um futuro melhor? Que eles devem se esforçar para aprender? E que, se eles tiverem boas notas e aprenderem tudo o que a escola ensina, então terão um futuro melhor?

Não temos uma resposta definitiva para essas perguntas, mas pretendemos, por meio deste trabalho, discutir questões que possibilitem refletir sobre elas. Para tanto, foi realizada uma intervenção pedagógica na Escola Municipal Carlos Drummond<sup>1</sup> (EMCD). Essa escola está situada na região centro sul de Belo Horizonte e atende estudantes de baixa renda oriundos de duas comunidades próximas, e alguns poucos alunos do bairro no qual a escola está situada. Este ano a escola completou 66 anos, e, em geral, os alunos têm alguém na família que já estudou nela. Estes estudantes chegam até a escola através de um escolar da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) que os buscam em suas respectivas comunidades.

A escola tem uma infraestrutura inadequada, do nosso<sup>2</sup> ponto de vista. O espaço escolar é bem pequeno, não tem uma quadra e as salas do segundo andar são bem pequenas e desconfortáveis. O laboratório de informática também é pequeno e tem apenas 12 computadores, que nem sempre funcionam, além de não comportar todos os alunos de forma adequada. Em geral, ficam dois alunos por computador.

A EMCD funciona em dois turnos, manhã e tarde, cada turno tem oito turmas e as turmas têm em média 25 alunos. A faixa etária dos estudantes vai de 6 aos 11 anos de idade abrangendo o 1º e 2º ciclos.

Assim, nos últimos anos, atuando na escola como professora e atualmente como coordenadora pedagógica, podemos dizer que a maior parte dos estudantes vem de uma situação socioeconômica precária, sendo que muitos deles estão em situação de risco social, com graves problemas familiares e alguns em situação de abandono.

Além disso, percebemos que muitos alunos não se identificam com a escola. Já escutamos de alguns, mais ousados e mais sinceros dizerem que só vão à escola porque a mãe obriga e que não sabem o que estão fazendo ali, mas no final se você

---

1 Com o intuito de preservar exposição da escola, utilizaremos um nome fictício para nos referirmos a ela.

2 Nosso se refere aos profissionais que atuam na escola.

insiste um pouquinho acabam dizendo a frase clássica: “estudar professora!”. Consideramos que tais falas demonstram que, em certo sentido, eles internalizaram que na escola deve se aprender algo. Para Charlot (2000) aprender é uma obrigação do indivíduo, pois para esse sujeito se constituir ele precisa se apropriar do mundo e para tanto é necessário que ele aprenda. Portanto, o aprender possibilita que o sujeito estabeleça relações com o mundo, além de estabelecer relações com ele mesmo e com os outros. Pode-se dizer que, de alguma forma, os estudantes percebem essa realidade, uma vez, que muitas vezes reforçam a ideia, que vão a escola para estudar e aprender.

Além disso, o mesmo autor ressalta que aprender pode ser tanto adquirir um saber, bem como dominar uma atividade ou objeto. Nesse sentido, o saber não está estritamente ligado a dominar técnicas gramaticais ou matemáticas mas, a forma como o sujeito estabelece outras relações com o mundo, com ele mesmo e como o outro. Na presente pesquisa, o mundo em questão é o contexto escolar que estes sujeitos estão inseridos.

Considerando essas questões, temos interesse em investigar a relação aluno/escola. Para guiar a pesquisa, a seguir, apresento os objetivos do trabalho.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo geral:**

- Investigar que relação os estudantes da escola municipal Carlos Drummond estabelecem com o contexto escolar;

### **1.1.2 Objetivos específicos:**

- Identificar que motivos/aspectos contribuem para uma relação positiva entre alunos e escola;
- Identificar que motivos/aspectos não contribuem para uma relação positiva entre alunos e escola;
- Identificar a relação que os estudantes estabelecem com a aprendizagem ou com o saber

## 2 A RELAÇÃO ALUNO ESCOLA

O ensino fundamental Regular de Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH) organiza-se em ciclos de formação e aprendizagem, com duração de três anos cada um. De acordo com a portaria da SMED 317/2014, os ciclos são estruturados nos seguintes moldes: o 1º ciclo é o ciclo da Infância, voltado para a alfabetização e o letramento e corresponde ao 1º, 2º e 3º anos, atendendo, em sua maioria, estudantes dos 6 aos 8/9 anos; o 2º ciclo é o ciclo da pré-adolescência, voltado para o aprimoramento da leitura e escrita, da oralidade e da resolução de problemas, como fundamento para formação do pensamento conceitual. Este ciclo corresponde ao 4º, 5º e 6º anos, compreendendo estudantes, geralmente, dos 9 aos 11/12 anos. É importante ressaltar que para a Base Nacional Comum Curricular o 6º ano pertence aos anos finais do ensino fundamental, ou seja, ao 3º ciclo. Entretanto RME/BH, ainda não se adequou a esse molde, embora a maioria das escolas de RME/BH que comportam o 1º e 2º ciclos só tenham turmas até o 5º ano. Já o 3º ciclo – ciclo da adolescência, contempla do 7º, 8º e 9º ano, atendendo estudantes dos 12 aos 14/15 anos, neste ciclo, deve-se consolidar o pensamento conceitual.

De acordo com as proposições curriculares da PBH, documento oficial que norteia a elaboração curricular

O que se propõe e se pretende com a organização em ciclos é uma adequação da escola ao desenvolvimento biológico, social e cultural de crianças, pré-adolescentes e adolescentes. Adequação de tempos, espaços, conhecimentos e metodologias, vivências e convivências para o planejamento das ações educativas, criando melhores condições para as aprendizagens que possibilitarão o crescimento equilibrado dos educandos. (Proposições curriculares PBH. 2010, p. 14)

Desta forma, espera-se formar o estudante de forma integral. Diferente das séries, onde o estudante era avaliado dentro de um ano, e seria aprovado ou reprovado de acordo com seu desempenho no ano, a ideia do ciclo é proporcionar um alongamento do tempo de ensino aprendizagem. Assim, de acordo com o ciclo e o ano do ciclo, são estabelecidas habilidades e competências que o estudante deve adquirir dentro de cada ano e ciclo. De forma geral, as habilidades e competências são trabalhadas na perspectiva de Introduzir, Retomar, Trabalhar e Consolidar. Além

disso, essa organização sugere que o mesmo professor acompanhe a turma nos três anos do ciclo.

Sendo assim, espera-se que essa organização, tanto de professores como de estudantes, possa desenvolver de forma mais efetiva o processo de ensino e de aprendizagem, além de proporcionar maior envolvimento e engajamento dos estudantes nesse processo. A formulação em ciclo também pressupõe planejamento e replanejamento conjunto, de forma a atender as demandas de cada estudante. Outro ponto de destaque, conforme já citado, da organização escolar em ciclos nos anos iniciais é que o professor pode acompanhar a turma durante os anos do ciclo. De acordo com as proposições curriculares da PBH isso pode garantir que o professor, ao passar mais tempo com os estudantes, será capaz de atender de forma mais efetiva suas demandas de aprendizagem. Cabe perguntar se esta forma de organização realmente garante que o estudante seja mais engajado, como é esperado no processo de aprendizagem. Será que esse modelo de organização escolar contribui para o estudante ter mais interesse em aprender e mudar a forma como interage com a escola e com os participantes dela? Essas são questões que também nos instigam a pensar sobre a relação que os estudantes constroem com a escola.

Charlot (2013), ao abordar questões relativas as relações entre o saber e as práticas educativas, destaca que a escola deveria ser um lugar de prazer para o estudante, um local onde, diferentemente do ambiente de trabalho, ele pudesse experimentar lazer. De acordo, com o autor

A própria palavra grega skholê, que originou no português “escola”, significa “lazer”: a escola é um lugar de lazer porque nela a criança tem (ou deveria ter...) tempo para estudar, refletir, tentar, ensaiar-se, sem sofrer a pressão que experimenta no trabalho.” (CHARLOT, 2013, p. 72)

Nesse sentido, a escola é um lugar onde o estudante pode se desenvolver como um todo, é um espaço que ele pode tentar e errar, sem que esse erro seja tratado como algo inadequado, que não é aceito ou desmotive o estudante em seu processo de aprendizagem. Assim, para que a aprendizagem seja efetiva o erro deve fazer parte do processo.

Diante disso, é importante considerar as relações que os estudantes estabelecem com o saber, as relações entre o saber e a sociedade contemporânea. O que motiva ou desmotiva os estudantes, qual o olhar deles para a escola e a

educação? Como os estudantes se relacionam com a escola? Como suas histórias e vivências influenciam sua relação com o saber e a escola. O que estes estudantes esperam dela?

Surge também o questionamento do porquê os estudantes têm que aprender tantos conteúdos na escola. Será que todos os ensinamentos são relevantes para eles? Será que eles gostam de passar tanto tempo na escola? Será que o fato de aprender ou deixar de aprender é motivador para eles? E o que faz estes estudantes aprenderem? E será que aprendizagem está relacionada a frequência escolar do estudante? Um estudante que aprende se sente motivado a ir para escola? Charlot (2010) ressalta que do ponto de vista educacional para o estudante aprender ele precisa desenvolver uma atividade intelectual. Nesse sentido, o estudante, é o foco da escola, e para que ele tenha uma atividade intelectual é necessário que encontre sentido no que se deseja ensinar para ele. Segundo o mesmo autor,

Esse é o ponto onde o ensino mostra seus limites. Ele não consegue desencadear a aprendizagem se não encontrar, da parte do aluno, uma atividade intelectual que vá ao encontro daquilo que se quer ensinar. Só aprende quem tem uma atividade intelectual, o aprendiz tem que encontrar sentido para isso. Um sentido relacionado com o aprendizado, pois, se esse sentido for completamente alheio ao fato de aprender, nada acontecerá. (CHARLOT, 2013, p. 73-74)

Assim, para que a escola sofra uma transformação que engaje o estudante, é necessário que a atividade intelectual do estudante seja garantida. É essa atividade que dá sentido a aprendizagem. Além disso, Charlot (2013) também afirma que só aprende aquele que consegue encontrar alguma forma de prazer no que se propõe a aprender ou que é proposto para que ele aprenda. Isso não significa que o prazer elimine o esforço. Nesse sentido, prazer não é contrário ao esforço, obviamente a atividade intelectual requer também esforço. Assim, é fundamental que a escola desperte no estudante o prazer, ou seja, o desejo de estar e permanecer nela e dela usufruir da melhor maneira possível. Despertar esse desejo é diferente de só motivar o aluno a fazer o que se espera que ele faça. Charlot (2013) usa o termo mobilizar o estudante. “A motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno: motiva-se alguém de fora, enquanto mobiliza-se a si mesmo por dentro” (CHARLOT, 2013, p.160).

A questão que surge é: como mobilizar esses estudantes? Para que essa mobilização ocorra é preciso entender antes qual a relação que o indivíduo faz com



o saber e, portanto, com a própria escola. Nessa direção, Charlot (2013) também aponta que existem alunos que nunca compreenderam o que estão fazendo na escola, não sabem o que esperar dela e muitas vezes nem como se portar ali. O autor salienta que muitos estudantes não compreendem os símbolos da escola, a lógica do que estes símbolos representam. É importante ressaltar que, muitos alunos são matriculados na escola, mas nunca entraram nela de forma efetiva, é como se estivessem ali apenas de corpo presente. Para que o desejo por aprender e estar na escola aconteça, é fundamental que o aluno compreenda as lógicas simbólicas da escola. Eles precisam compreender o que consiste estar ali.

Além disso, outro ponto que se observa na escola é frequência dos estudantes. Há um número consideravelmente de estudantes infrequentes. Segundo o decreto 12.428/2006, dos 200 dias letivos, o estudante deve ter frequência mínima de 150 dias letivos, ou seja, 75% de presença, para que ele seja aprovado para o próximo ano do ciclo. Diante disso, analisando os dados da Escola Municipal Carlos Drummond (EMCD) de 2017 e 2018, obtidos através do Sistema de Gestão Escolar (SGE) da PBH, pode-se observar a infrequência dos estudantes, conforme mostra a tabela abaixo:

Nº de Faltas	Quantidade de alunos	
	2017	2018
>=25	121	160
>=30	81	134
>=51	24	31

Fonte: SGE/PBH

O total de alunos em 2017 era de 363 e em 2018 de 437. Importante observar também que alunos com número de faltas superior a 50 são automaticamente retidos pelo próprio SGE, como estabelecido pelo Decreto 12.428/2006. Sendo assim, em 2018 aproximadamente 6,61% alunos poderiam ter sido retidos por infrequência. E em 2019, aproximadamente 7,09% alunos. Esse número considerável pelo percentual de alunos matriculados na escola. É importante ressaltar, na Rede Municipal de Ensino (RME) de Belo Horizonte os estudantes são

retidos por desempenho nos anos finais do ciclo e por infrequência em qualquer ano do ciclo. Esses resultados de infrequência afetam diretamente no desempenho da escola nas avaliações externas como a prova Brasil, que determina qual será o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>3</sup> da escola.

Diante dessas considerações referentes a relação aluno x escola e considerando a realidade da escola, a seguir serão descritos os aspectos metodológicos do trabalho e como se deu o desenvolvimento da intervenção.

---

3 De acordo com o portal do Ministério da Educação e Cultura o Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO**

A presente pesquisa busca descrever como os estudantes da escola Municipal Carlos Drummond estabelecem relações com o ambiente escolar e quais aspectos contribuem para uma relação positiva ou não com a escola. Assim, a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa buscaremos identificar a visão desses estudantes sobre a escola e a relação que estabelecem com o saber.

A pesquisa envolveu a obtenção de dados a partir da observação, aplicação de questionários e roda de conversa com os estudantes, buscando compreender, a partir da perspectiva deles, a forma como se apropriam do ambiente escolar.

Outro ponto importante sobre a pesquisa qualitativa, é que ela permite estudar as particularidades e experiências individuais, além de permitir que os participantes falem sobre seus pontos de vista e se expressem sobre o assunto em foco. Como aponta a pesquisadora Arilda Schmidt Godoy (1995), “Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador “colocar-se no papel do outro” vendo o mundo pela visão dos pesquisados” (GODOY, 1995, p.61).

Assim, não estamos preocupados em contabilizar um resultado e sim em compreender a relação do sujeito com a escola. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com os estudantes do 1º ano do 2º ciclo (4º ano) da EMCD no turno da manhã. Essas turmas foram escolhidas, pois, dos 67 alunos matriculados nelas, cerca de 60 desses estudantes estão na escola desde o 1º ano. Consideramos que a relação de tempo de permanência na escola é um fator importante.

Esses estudantes estão distribuídos em três turmas (4ºA, 4ºB e 4ºC). Além disso, as três professoras delas aceitaram que a intervenção fosse realizada em suas turmas. Outro ponto que levou a escolha dessas turmas, é o fato delas apresentarem um número elevado de estudantes com baixa frequência na escola. Até o mês de agosto 19,4% dos estudantes estavam com mais de 20% de faltas.

O questionário foi elaborado com a intenção de investigar o que os estudantes pensavam a respeito da escola, das aulas e da forma como a escola é estruturada. Por esse motivo, as perguntas foram feitas de forma objetiva: 16 perguntas de múltipla escolha e uma questão discursiva. Ou seja, o questionário continha 17 perguntas no total.

A primeira parte do questionário perguntava a idade e o sexo do estudante, apesar de todos estarem no mesmo ano, é possível que exista pequenas variações na idade deles, devido a retenções em algum ano ou períodos não cursados por outros motivos. Em seguida foram feitas perguntas sobre: a disposição do estudante em relação a escola; o que o ele mais gosta na escola; o que menos gosta; se ele gosta ou não da escola e o motivo (essa foi a única pergunta com opção discursiva) e o que poderia fazer com que eles gostassem mais da escola. A última parte com perguntas relacionadas com o que a escola oferece: se o estudante conseguia entender as aulas; quais matérias mais gostam ou menos gostam; qual matéria gostariam que não tivesse na escola; se tivesse escolha, escolheria estar na escola ou não; o que ele gostaria que a escola tivesse para ser mais interessante; se o estudante se distrai com facilidade; se tem vontade de assistir as aulas e estar na escola; e, por fim, se ele considera que falta muito e se já foi retido.

Este questionário foi elaborado pela pesquisadora, com a contribuição de duas outras professoras. Antes da aplicação do questionário, passamos em todas as turmas para uma conversa com os estudantes, para explicar sobre a pesquisa e o interesse da pesquisa em saber o que eles pensavam sobre a escola. Em seguida, os questionários, em versão impressa, foram aplicados pelas professoras da turma, em sala, com todos respondendo juntos. A aplicação durou em média uma alua, cerca de 1 hora. Dos 67 estudantes, 59 responderam ao questionário, os demais estavam ausentes. A aplicação aconteceu em uma quarta-feira, dia 22/08/2019.

Como os questionários foram elaborados de forma objetiva, em seguida, pedimos aos estudantes, no dia 02/09/2019, que fizessem textos, frases ou desenhos, para expressar o que eles pensavam a respeito da escola. Para direcionar a produção deles, com a ajuda de uma das professoras das turmas, pedi aos estudantes que antes que escrevessem, pensassem nas seguintes perguntas: i) o que você espera da escola? ii) você vem com interesse para escola? iii) o que gosta na escola? Por quê? e, iv) o que não gosta na escola? Por quê?

Não definimos o que eles deveriam fazer, se texto, frase, palavra ou desenho, deixamos livre para que cada um escrevesse o que julgasse melhor. É importante dizer, que as três turmas são muito distintas umas das outras. Logo uma turma inteira optou por escreveu textos, outras frases e textos e a terceira desenhos e palavras. Da mesma forma que os questionários, essa produção foi feita em sala junto com os professores e também durou, em média, uma aula.

Pensando em ouvir os estudantes, elaboramos uma roda de conversa, dessa forma eles poderiam se expressar livremente, além de, poder ouvir o que os outros colegas tinham a dizer. Diante disso, estabelecemos uma conversa, em que todos tinham oportunidade de falar e refletir sobre o que os outros falavam.

A ação aconteceu na escola e foi guiada pela pesquisadora em campo. Como os alunos seriam gravados, solicitamos autorização dos pais<sup>4</sup> para uso de imagem, previamente, passamos nas três salas e mais uma vez conversamos com os estudantes sobre a roda de conversa. Explicamos para eles que a gravação serviria para dar continuidade ao que já estávamos fazendo e que gostaríamos de ouvir o que eles tinham a dizer sobre a escola, de uma maneira mais livre, pois, às vezes, falar é mais fácil que escrever. Eles se mostraram muito animados para essa atividade.

O total de alunos que participaram da roda de conversa foram 48, somente os que trouxeram a autorização. Dessa forma, fizemos três rodas de conversa, respectivamente, no dia 11 de setembro. Duas com 15 alunos em cada, sendo 5 alunos de cada uma das 3 turmas; e outra com 18 alunos, sendo 6 de cada turma. A ordem de quem participaria em cada roda de conversa foi determinada pelas professoras da turma. As rodas tiveram duração de 50 minutos cada, aproximadamente.

A conversa com os estudantes foi direcionada por meio de temas pré-estabelecido. Para ficar mais interessante, usamos PowerPoint, um aluno de cada grupo foi escolhido para ser o responsável pela apresentação, isso ajudou na interação. Durante a roda de conversa abordamos os seguintes temas: i) visão dos estudantes da escola - nesse tópico pedi aos alunos que falassem o que a escola representava para eles, e completassem a frase: A escola é... ii) Falassem sobre o que gostam, o que não gostam na escola e o que gostariam que mudasse na escola; iii) Falassem sobre os espaços da escola, atividades, o que é ensinado, professores, colegas, disciplina e frequência e, por último, iv) Falassem sobre a relação com professores, colegas, e funcionários.

Os estudantes se mostram muito dispostos a participar de todas as atividades propostas. Eles demonstraram muito interesse em participar da roda de conversa,

---

4 Um modelo de autorização encontra-se em anexo.

sempre me perguntavam quando a roda de conversa iria acontecer, pois eles queriam muito falar sobre a escola.

#### **4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Nessa seção, serão apresentados os dados e a análise dos resultados dos questionários, trabalhos escritos – tanto textos quando desenhos e da roda de conversa, visando alcançar os objetivos traçados para essa pesquisa.

Sendo assim, a apresentação dos dados será por subseções. Além disso, para preservar a integridade dos participantes, todos os nomes dos alunos serão fictícios, bem como a identificação das turmas. Da mesma forma, quando outra instituição for citada seu nome será substituído por um codinome. Além disso, escolhemos transcrever as falas e produções de texto da maneira como os estudantes fizeram, por isso, essas transcrições conterão alguns erros ortográficos e gramaticais.

##### **4.1 Os questionários**

Como já dito anteriormente, o questionário<sup>5</sup> continha 17 questões, das quais apenas uma era discursiva. Algumas questões serão analisadas individualmente, e as que tiverem algum tipo de relação serão agrupadas. De toda forma, nessa seção, apresentaremos as perguntas individualmente. Serão apresentadas tabelas para ajudar na visualização dos dados e facilitar a análise.

As duas primeiras perguntas se referiam a idade e ao sexo dos estudantes. A idade dos estudantes varia entre 8 a 12 anos de idade, sendo que 16 desses estudantes estão fora da faixa etária padrão do 4º ano do ensino fundamental. Os estudantes que estão fora da faixa, tiveram alguma retenção no 1º ou no 2º ciclo. Dos 59 estudantes que responderam 28 são do sexo feminino e 31 do sexo masculino.

Em seguida, os estudantes responderam sobre o que mais gostavam e o que menos gostavam na escola. As opções para essas perguntas eram as mesmas, a saber: colegas, professoras, aula, recreio, escola integrada e merenda.

---

<sup>5</sup> Uma cópia do questionário encontra-se em anexo.

Percebe-se que o que os alunos mais gostam na escola são os colegas, 54,2% dos respondentes escolheram essa opção. Por outro lado, 32,2% gostavam menos das aulas. Além disso, apenas 3,4% disseram gostar mais das aulas. Esse resultado é bem coerente com o que os estudantes falaram na roda de conversa, nos desenhos e textos que produziram. Em geral eles disseram que a escola é importante para ver os colegas, conversar, brincar, não ficar sozinho e um lugar para aprender coisas importantes para o futuro. Apesar dos alunos gostarem menos das aulas, eles demonstram gostar das professoras, pois 22% escolheram essa opção. De certa forma, isso evidencia as relações de socialização que os estudantes estabelecem com o contexto escolar. Um dos estudantes disse que gostava da escola porque tinha professores muito legais, enfatizando que gostar das professoras ajuda a ter mais interesse tanto pelas aulas quanto pela escola.

A tabela 2 abaixo mostra essa comparação, em porcentagem, entre as respostas dos alunos.

Tabela 2 – O que você mais gosta/O que você menos gosta

	<b>Mais gosta</b>	<b>Menos gosta</b>
Colegas	54,2	16,9
Professoras	22,0	8,5
Aula	3,4	32,2
Recreio	16,9	11,9
Integrada	3,4	18,6
Merenda	0,0	11,9

Fonte: Produzido pela pesquisadora

A próxima pergunta foi se os alunos gostavam da escola. A opção era responder sim ou não e falar o porquê. 91,5% dos alunos responderam (surpreendentemente) que sim. De modo geral, as justificativas foram “*É importante estudar, e eu gosto muito de conviver com as minhas colegas*” (Alice, 4ºB); “*Eu gosto da escola porque eu gosto de conviver com os colegas*” (Marcos, 4ºA); “*A escola da muitas aulas tem muitos professores, muito bom*” (Carlos, 4ºC) e também “*Porque ela (a escola) me ajuda na hora que preciso*” (Ana, 4ºC). Essas foram as repostas mais comuns, além disso alguns alunos falaram que gostam porque tem

informática, recreio e lanche. Mas, os dois pontos mais enfatizados, foram as relações com os colegas e aprender coisas importantes para vida e para o futuro.

As próximas sete perguntas intencionavam identificar como é a relação dos alunos com as aulas da escola e as disciplinas oferecidas. Sendo assim, a pergunta 6 abordou a compreensão que o estudante tinha das explicações das professoras<sup>6</sup> nas aulas. Apenas 6,8% dos alunos disseram que poucas vezes entendem as explicações da professora. Nenhum aluno alegou não entender o que a professora explica.

Tabela 3 – Você consegue entender o que a professora explica nas aulas

<b>Respostas</b>	<b>%</b>
Sim	37,3
Não	0,0
Na maioria das vezes	55,9
Poucas vezes	6,8

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Essas respostas foram interessantes, porque na pergunta 11- Você se distrai facilmente - 57,6% dos alunos disseram que ou se distraem facilmente ou na maioria das vezes se distraem. Por outro lado, na pergunta 12, quase 60% dos estudantes disseram ter vontade ou interesse em assistir as aulas e apenas 15,3% disseram não ter interesse/vontade de assistir aulas.

Tabela 4 – Você tem interesse/vontade em assistir as aulas?

<b>respostas</b>	<b>p. de alunos</b>
Sim.	59,3
Não.	15,3
Às vezes.	24,4

Fonte: Produzido pela pesquisadora

A sétima pergunta - o que te faz, ou faria, gostar das aulas - a princípio havia ficado um pouco desconexa, pois, o questionário não continha uma pergunta que

---

<sup>6</sup> É importante observar que do total de 12 docentes no turno da manhã, há na escola, apenas 1 professor. No quarto ano, só tem professoras.



investigasse como as aulas eram ministradas, na maior parte das vezes. Sendo assim essa pergunta foi feita em um questionário separado posteriormente.

Tabela 5 – O que te faz (ou faria) gostar das aulas?

<b>tipo de aula</b>	<b>p. de alunos</b>
aulas com vídeo	59,3
computador	23,7
recorte/colagem	0,0
música	3,4
colorir	8,5
dobraduras	5,1

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Aqui podemos notar que um total de 73% dos alunos gostaria ou gostam de aula com aparatos tecnológicos. Isso também foi observado nas respostas nos estudantes nas rodas de conversa e nos textos. A maioria relata que gostaria de mais aulas de informática, notebooks nas salas, poder usar o celular e que gostam de ir para sala de vídeo. Além disso, ao responderem posteriormente sobre como as aulas eram ministradas, cerca de 84 % dos alunos disseram que eram aulas expositivas e atividades no livro ou folha na sala de aula. Daí o interesse dos alunos por aulas que tragam alguma inovação.

As três próximas perguntas do questionário se relacionam com as disciplinas ministradas na escola. Os estudantes foram perguntados qual disciplina mais gostam, qual menos gostam e qual delas, se pudessem, tirariam no currículo. Em todos os casos eles poderiam escolher apenas uma opção. Propositamente, foram colocadas as opções, todas as matérias e nenhuma.

Observou-se nesses resultados e nos outros, o interesse maior dos alunos pelas aulas de educação física e arte, mais de 50% dos alunos escolheram essas disciplinas como favorita. Ao passo que, as disciplinas com maior tempo na grade curricular – português e matemática são as matérias que os estudantes menos gostam. Cerca de, 65,7% rejeitam essas matérias e 47,4% tirariam as duas da grade curricular. Esses resultados podem indicar o modo que essas disciplinas são ministradas, muitas vezes pouco interessantes para os alunos.

Isso leva a indagação se seria possível trabalhar essas disciplinas de forma interdisciplinar com matérias que interessam mais os alunos. Porque não incluir nessas disciplinas conteúdos de arte, educação física, por exemplo? Ou trabalhar de forma mais interativa com recursos computacionais? Sabe-se que esses conteúdos são importantes, isso fica também claro, nas falas dos alunos, que expressam a importância de saber ler, escrever e fazer conta. No próprio questionário, alguns alunos relataram *“Por que tudo que eu aprendi ou irei aprender vai ser importante”* (Davi 4ºA).

A Tabela 6 abaixo mostra os resultados.

Tabela 6 – Disciplinas oferecidas na escola

<b>disciplinas</b>	<b>mais gosta</b>	<b>menos gosta</b>	<b>tirar</b>
Todas as matérias	10,2	5,1	5,1
Nenhuma	3,4	8,5	0
Matemática	22,0	32,2	30,5
Português	6,8	23,7	16,9
Ciências	1,7	11,9	5,1
Educação Física	33,9	3,4	8,5
Geografia	0,0	6,8	22,0
História	1,7	5,1	6,8
Arte	20,3	3,4	5,1

Fonte: Produzido pela pesquisadora

As próximas perguntas do questionário tiveram relação com a motivação do estudante para ir ou não à escola. Quando perguntados se tinham interesse/vontade de ir para escola, cerca de 45,8% dos estudantes disseram que sim, em contra partida 16,9% disseram que não. Se compararmos, o interesse dos estudantes em ir à escola e assistir as aulas, observaremos uma diferença. Aparentemente, de forma um pouco contraditória, mais alunos tem interesse em assistir aula, do que em ir à escola. Digo, contraditório, porque, na maioria das vezes, os estudantes relacionaram a escola a um lugar de socialização, embora, sempre reafirmem a concepção da escola ser um local de aprender. Por outro lado, essa contradição pode evidenciar a ideia introjetada nos alunos de que eles devem ir à escola para estudar. Isso é apenas uma hipótese, mas que deve ser analisada posteriormente.

Tabela 7 – Preferência entre escola e aula

<b>respostas</b>	<b>escola</b>	<b>aula</b>
Sim	45,8	59,3
Não	16,9	15,3
Às vezes	37,3	24,4

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Corroborando com isso, 81% dos alunos afirmaram que se pudessem escolher iriam para escola, ou seja, por vontade própria ainda assim frequentariam a escola. Isso é bastante interessante, pois a princípio, tinha como hipótese que os estudantes não demonstravam interesse ou vontade de ir à escola. Daí surge outra indagação: por que a infrequência dos alunos é tão alta? Por que eles demonstram não se importar com a escola? Os 4º anos da escola apresentam, como dito, anteriormente, um alto grau de infrequência escolar.

Finalmente, os estudantes responderam que se a escola tivesse aulas com recursos diferentes, como computador, vídeos, aulas de música as aulas se tornariam mais interessantes.

Tabela 8 – O que você gostaria que tivesse na escola para que você gostasse mais dela?

<b>atividades</b>	<b>p. de alunos</b>
Aulas com recursos diferentes	40,7
Aula de música	20,3
Aula de dança	11,9
Excursões	22,0
Outros	5,1

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Pode-se observar que a maioria dos alunos optaram por aulas com recursos visuais, como computadores e vídeos. Evidenciando assim, o que eles já haviam dito sobre o desejo que as aulas incorporassem outros recursos, para que elas fossem mais atrativas. Outro ponto que chama a atenção são as aulas de música: alguns alunos relataram quando as professoras colocam ou trabalham com música,

as aulas são mais legais para eles, e disseram que gostam de cantar. Isso, de certa forma, evidencia a relação com a arte, que os alunos apontaram como uma disciplina importante para eles. Além disso, o contato com a música e instrumentos musicais ajuda a criança a desenvolver capacidades socioafetivas, criatividade, sensibilidade, ritmo e imaginação.

Sendo assim, esse resultado demonstra mais uma vez, a relação que os estudantes fazem com a escola, de ser esta um lugar que possibilita interações entre os sujeitos que dela participam.

Para concluir a análise do questionário, apesar da infrequência no 4º ano ser relativamente alta, 71,2% dos alunos consideram que não faltam muito a escola. Isso faz algum sentido, pois o cerca de 23% dos alunos do 4º estão em uma situação de baixa frequência, com mais de 20 faltas até setembro.

#### 4.2 Os trabalhos dos alunos

Dos sessenta e quatro estudantes do 4ª ano, cinquenta e um fizeram o trabalho escrito (textos e desenhos). Todos os estudantes da turma 4ºC optaram por fazer desenhos, ao invés de um texto. Optamos por transcrever os escritos dos estudantes conforme eles escreveram. Portanto, algumas palavras não estarão ortograficamente corretas e alguns casos as concordâncias e tempos verbais também não.

Nos relatos escritos dos estudantes, pôde-se observar que 81,8% relacionam a escola a um lugar de aprendizagem e importância para o futuro. Os estudantes dizem que esperam que a escola ensine para eles coisas importantes para a vida e futuro, *“Eu espero aprender muitas coisa que vai me ajudar no futuro”* (Erick, 4ºB). Outro aluno disse *“A escola é legal e também é importante para quando eu crescer”* (Felipe, 4ºB). *“Eu gosto muito da escola porque aqui eu vou aprender muito para minha vida”* (Gabriela, 4ºA).

É possível observar nos desenhos dos estudantes da turma 4ºC, essa mesma ideia. Como pode-se observar na figura 2, a aluna Ana Flavia traz a ideia da professora distribuindo os livros. Assim fica implícito a ideia de transmissão de conhecimento. Outros desenhos também representaram a escola como transmissora de conhecimento.

Figura 1 – Ana Flavia, 4ºC



Outro desenho que expressa que a escola é um lugar de aprender, estudar e adquirir novos conhecimentos é o da estudante Alice também da turma 4ºC. Cabe aqui dizer que essa estudante, em especial, apresenta muita dificuldade de aprendizagem e, apesar disso, na visão dela a escola representa um lugar de aprendizagem. Ela fez uma representação de alunos em sala com a professora dando aula.

Figura 2 – Alice, 4ºC



Por outro lado, muitos alunos relacionam a escola também a um lugar de se relacionar com os amigos. Isso pode ser observado, por exemplo, no relato de uma

estudante da turma 4ºB, *“Venho com interesse de estudar e aprender mais coisas que eu não sei. E porque gosto de brincar com minhas amigas”*. (Sofia, 4ºB)

Apesar desse grande número de estudantes relacionarem a escola a um lugar de aprendizagem, apenas 36% dos estudantes que fizeram texto escrito, relataram ter interesse em ir para escola, e em geral, esse interesse tem a ver com aprender algo que seja importante para seu futuro. *“Eu venho com interesse de aprender pois no futuro quero ser uma médica”*. (Ana Luiza, 4ºA) Nesse mesmo sentido, outra estudante diz *“[...] que a gente vem com vontade para escola para aprender e quando crescer ser: um profissional, medico(a), dançar e etc”* (Lucas, 4ºC)

Fica evidente que a relação, que parte dos estudantes fazem com a escola tenha relação com o seu futuro, com o que ele quer ser no futuro, ele espera que a escola possibilite esse futuro.

Além disso, cerca de 42,3 % dos estudantes pensam a escola no presente como um lugar para encontrar com os colegas, brincar e conversar com outras pessoas. Nesse sentido, a escola é vista como um lugar de socialização. Isso ficou ainda mais claro na roda de conversa (que será discutida a seguir). Alguns relatos evidenciam essa visão da escola: *“E porque gosto de brincar com minhas amigas. Gosto da escola porque tenho prazer de brincar com minhas amigas e do lanche”* (Mariana, 4ºA). Outro estudante relata que *“Além de estudar, aprendemos a conversar em grupos e nos relacionarmos com outras pessoas[...]”* (Gabriel 4ºA) e outra aluna *“Eu amo vim para a escola ve meus colegas e professoras, brincar e claro estudar”*. (Maria Eduarda, 4ºB).

Em relação aos tempos e espaços de aprendizagem na escola, 64% dos estudantes disseram não ter interesse ou ter interesse de vez em quando, estes se mostram interessados pela escola nos dias das aulas de Informática e Educação Física. Grande parte dos estudantes disseram gostar de ir à escola apenas nos dias dessas aulas. Relataram também que gostariam que tivesse mais tempo nestas aulas e mais vezes por semana, ao invés de apenas uma aula na semana: *“Eu gosto mais é da sexta-feira, porque tem informática, o ruim é que tem poco tempo de informática e educação física”* (Emanuelle, 4ºA). Outro estudante diz: *“Eu espero da escola que tenha três aulas de computador por dia”* (Ryan, 4ºA). Esse mesmo estudante relata que as aulas seriam mais interessantes para os alunos se tivesse computadores. Esse foi um ponto muito abordado pelos alunos na roda de conversa, essa discussão será feita a seguir.

Em relação as aulas de educação física, um aluno disse que: *“Eu espero mais coisa boas tipo: um tempo maior de educação física”* (Caio, 4ºB). Esse desejo dos estudantes por maior tempo de atividades que proporcionam lazer para eles pode ser vista em alguns desenhos também, como do estudante Felipe, 4º C, representado na figura 3 abaixo.

Figura 3 – Felipe, 4º C



Mesmo no desenho, ficam evidenciado os elementos que compõe os espaços de desejo dos estudantes. Alguns alunos também falaram do espaço da biblioteca, percebido também no desenho acima. Eles disseram gostar da biblioteca, principalmente do espaço da gibiteca – essa é uma estante dentro da biblioteca, somente com revistas em quadrinhos da turma da Mônica e de super-heróis. Vale ressaltar que na escola a biblioteca fica sempre aberta no horário do recreio, e nesse momento os estudantes aproveitam para ler livros e revistinhas normalmente.

Ainda em relação aos espaços escolares, eles reclamaram dos banheiros da escola um aluno da turma 4ºA disse que a porta do box não tranca e que o vaso está sempre molhado de “xixi”, isso incomoda muito os alunos, pois eles têm que passar muito tempo na escola e precisam usar o banheiro. Outro estudante afirma: *“Eu não gosto do banheiro porque é sujo”* (Vinicius, 4ºA).

Percebe-se também que eles têm bastante interesse por aulas nas quais eles podem se expressar e movimentar mais: *“Eu queria que tivesse aula de música e de dança, mais aulas de informática, educação física, artes e recreio”* (Maria Eduarda, 1MB). Por outro lado, os alunos reclamaram que as aulas são, às vezes, chatas,

quando o professor só da coisa no quadro e pede para escrever: *“Eu não gosto da escola porque as aulas são um pouco chatas”* (Ryan Gabriel, 1MB). Eles também reclamaram que as professoras dão muita ocorrência. Em relação as aulas serem chatas eles falaram mais sobre isso na roda de conversa.

Por outro lado, alguns estudantes dizem gostar da escola porque gostam das professoras: *“Eu gosto das aulas da minha escola e das professoras”* (Cecília, 4ºB).

Em relação ao recreio as opiniões foram bem divididas: muitos estudantes reclamam que o recreio é confuso, o espaço é inadequado e que os alunos falam muito palavrões e batem uns nos outros - *“Espero da escola que todos tenham mais respeito na hora do recrio, não fiquem falando palavrão, quero que todos sejam amigos e respeito ao próximo”* (Maria, 4ºA). Outra estudante da turma 4ºA disse que o recreio a deixa confusa, parece, para ela, que os alunos só sabem correr e gritar. É comum nos relatos os alunos pedirem para que o recreio seja maior e que não haja brigas. Grande parte reclama do tempo, pois são apenas 20 minutos de recreio, sendo 10 minutos para merenda e os outros 10 para brincar e ir ao banheiro - *“Eu não gosto do recreio porque o tempo é pequeno”* (Pedro, 4ºC)

Um relato de uma estudante da turma 4ºA, sintetizou bem o que a maioria dos alunos falaram em seus textos e desenhos, por isso ele foi transcrito na íntegra.

*“Eu venho na escola para aprender e orgulhar minha mãe, mas eu só acho que o horário é muito cedo para acordar 6:00 para se arrumar. Sempre eu venho na escola muito cansada, mas quando eu vejo minhas amigas eu fico muito alegre e quando algumas delas faltam fico triste. Porque me sinto sozinha. Eu gosto mais é da sexta-feira, porque tem muita informática e educação física. Eu não gosto muito do recreio, porque tem umas meninas muito folgadas que se acham a dona da escola”.*  
(Emanuelle, 4ºA)

Foi comum os alunos relatarem que se sentem cansados e com preguiça por terem que acordar muito cedo, além de dizerem que vão para a escola obrigados pela mãe: *“Eu venho todos os dias porque minha mãe manda”* (Lucas, 4ºA).

A seguir apresentarei uma descrição e análise da roda de conversa.

#### 4.3 – A roda de conversa

A roda de conversa aconteceu no dia 11/09/2019 por três vezes, com alunos das três turmas, ela foi realizada no turno da manhã, que é o turno que os alunos



estudam. Como dito anteriormente, a primeira e segunda roda contou com 15 alunos cada e a terceira com 18 alunos. Um total de quarenta e oito alunos. Esse momento foi bem dinâmico e a maioria dos alunos participaram com bastante entusiasmo. Para facilitar a apresentação dos dados, organizei o texto em tópicos.

i. Primeiro momento: visão dos estudantes da escola.

Nesse tópico conversamos sobre como eles viam a escola, o que pensavam sobre ela, se achavam que a escola era importante ou não. Alguns disseram que a escola deve ser para estudar e ela é um lugar importante. A escola é importante para quando eles crescerem e saber das coisas. Rafael da turma 4<sup>o</sup>A disse que a escola é “um bom lugar, um lugar para estudar e aprender, um lugar para ser alguém na vida”. Outro estudante disse que *“A escola é para fazer amigos, para estudar e para brincar e para não ficar sozinho”* (Vitor, 4<sup>o</sup>A). Essas falas corroboram com o que já haviam escrito, quando pedi que eles escrevessem sobre sua visão da escola. E demonstra que a escola é um lugar de aprendizagem, mas também deixa evidente que é também um lugar de socialização.

Outra fala que chamou bastante atenção foi do estudante Erick: *“Eu acho que a escola foi criada porque as pessoas no começo da vida não sabiam nada, então a escola foi criada para as pessoas aprenderem, para ser um ser humano evoluído”*. (Erick, 4<sup>o</sup>C). Nesse momento, as crianças riram muito, pelo jeito que ele disse evoluído. Outro estudante interveio e disse que ele nem sabia o que era evoluído, ao que Erick respondeu: *“evoluído é ser um ser humano melhor”*. Perguntei se ele havia aprendido isso na escola, ele disse que não, que foi na TV. A fala do estudante remete, mais uma vez, a ideia de que as pessoas vão a escola para aprender. Em certa medida, essa é uma concepção que todos os estudantes têm a respeito de escola - *“A escola é para que as pessoas aprendam e saibam o que fazer quando forem maiores para trabalhar”*. (Vitor, 4<sup>o</sup>A). Por outro lado, reforça que aprende-se em outros lugares, contextos e com diferentes recursos.

*“A escola é importante, você aprende a ler e a escrever nem todas as pessoas têm esse direito [...] A escola é importante, porque tem muita escola que não tem mesa, não tem cadeira, por isso a gente tem que respeitar o que a gente tem e aproveitar”*. (Gabriel, 4<sup>o</sup>A). A colocação do estudante Gabriel, despertou nos estudantes a reflexão sobre a valorização do espaço escolar e do que ele oferece,

para os estudantes, praticamente todos disseram que era verdade o que ele estava falando.

Outra colocação relevante sobre a escola veio do estudante Lucas da turma 4ºA, *“A escola é legal, mas ela é antiga, apesar que ela é muito antiga, mais antiga do que nós”*. Aí ele disse que a escola tinha 66 anos. Perguntei o que ele quis dizer com o fato de a escola ser antiga, ele riu e disse que precisava de ter mais coisas interessantes, como computadores e ter internet para todo mundo usar e poder usar o celular.

Estas falas evidenciam que o uso da tecnologia, no caso da escola, a falta desse uso é um aspecto importante para os estudantes, em suas falas ficou claro que eles gostam de fazer pesquisas no google<sup>7</sup>, jogar nos computadores, poder usar celulares e até mesmo calculadoras. A grande maioria se queixou do espaço físico da sala de informática e do fato das aulas serem muito expositivas, sem uso de outros recursos.

- ii. Segundo momento: O que gostam e o que não gostam na escola e o que gostariam que mudasse.

Os estudantes falaram sobre o que gostavam e não gostavam na escola. Das coisas que os alunos gostavam eles citaram: as professoras, os colegas, a merenda, a informática, aula de educação física, alguns disseram que gostam da biblioteca e de jogar futebol na hora do recreio. Em relação ao que não gostavam, todos concordaram que a escola é muito pequena, que o tempo da informática é pouco e que não tem computador para todo mundo. Além de dizerem que ficam muitos cansados, porque a escola começa muito cedo. Falaram também que tinha que ter mais tempo de recreio e educação física, gostam dessas atividades, mas o tempo nelas é muito pequeno. Além de um número considerável de alunos relatarem que não gostam da escola integrada.

Outro estudante disse que gostaria que a escola fosse aberta todos os dias, para quem quisesse entrar nela, como fica no final de semana, quando tem escola

---

<sup>7</sup> Goolge é uma empresa multinacional de serviços online e software americana. Nesse caso, os estudantes se referiam a ferramenta de busca que essa empresa oferece.

aberta<sup>8</sup>, e as pessoas pudessem entrar e jogar bola e ficar na informática o tempo que eles quiserem.

- iii. Terceiro momento: Falar sobre os espaços da escola, atividades, o que é ensinado, professores, colegas, disciplina e frequência.

Começamos esse tópico falando sobre os espaços da escola, e essa discussão foi a que teve maior entusiasmo e participação dos alunos. Assim, um estudante da turma 4ºB fez uma colocação em relação a escola particular, que denominamos pelo nome fictício Anne Frank, que fica do lado da EMCD. Cabe dizer aqui, que essa escola ocupa um espaço particularmente grande, e tem entrada por três ruas e a escola pesquisada, ocupa o equivalente a 1/8 aproximadamente do espaço dessa escola particular. Por isso o Lucas disse o seguinte:

*“A Anne Frank podia dar um pedaço a mais para nós, porque ela é muito grande. Para aumentar nossa escola, fazer uma quadra maior, um refeitório maior, tudo mais grande. Porque aqui está tudo pequeno. A escola deles é super grandona, por isso mesmo, eles não vão sentir falta. A Anne Frank é rica porque os pais pagam, e eles tem dinheiro para fazer as coisas, nossa escola os pais não pagam.”* (Lucas, 4ºC)

Nesse momento, um aluno que morou na Colômbia interveio e disse que lá sendo a escola rica ou pobre, todos tinham que pagar para merendar e aqui não. Outra colega começou a gritar e bater a mão dizendo que protestava, que a escola Anne Frank tinha que doar um pedaço da escola deles para nossa escola, porque eles têm muito espaço e a nossa não. Outro aluno disse que a escola Anne Frank podia até ser grande, mas que ele não gostaria de estudar lá não. *“Eu nunca quero estudar na escola Anne Frank, porque lá é preconceituoso, tem a parte dos ricos e a parte dos necessitados. E lá tem dois portões, o daqui e o de lá é dos ricos. E, às vezes, eles ficam se achando, só porque a escola deles é grande e são mais ricos que nós.”* (Lucas, 4ºA)

---

8 O Programa Escola Aberta, foi implantado em 2004 pela PBH. Tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da educação, a inclusão social, além de criar oportunidade de acesso ao espaço escolar. Por isso, oferece uma programação diversificada, durante todo o ano, aos sábados, domingos para estudantes e a comunidade

Essa discussão foi bastante intensa e, por isso, foi necessário conversar com os estudantes sobre quem paga a escola pública, eles se demonstraram surpresos quando ouviram que a escola pública é paga com dinheiro de todo mundo que paga impostos. Além disso, essas falas remetem a maior parte das queixas dos estudantes, quanto a infraestrutura da escola, a falta de espaço físico para a educação física e para a informática, principalmente. Também suscitou a questão do preconceito, a escola Anne Frank recebe muitos alunos das mesmas comunidades que os alunos da EMCD, porém em um bloco separado dos alunos que não são bolsistas, ainda assim os alunos consideram que ela é melhor que a deles.

Além disso, de certa forma, essas colocações evidenciaram a forma como os alunos veem eles mesmos, mais uma vez, colocados em uma posição “inferior”, tanto em relação a escola (comparando uma com a outra) quanto em relação ao bairro onde fica a escola (um bairro de classe média), eles acham que todos que moram nesse bairro são ricos.

Sobre as atividades, projetos e atividades fora da escola, eles falaram que o que mais gostam é quando tem passeios. Eles gostam de sair e ver outras coisas, que é legal quando eles vão no museu, ou no parque. *“Eu gosto das atividades que tem passeios, também da informática, de fazer atividades lá.”* (Nathália, 4ºB) Além disso, eles sempre falam das aulas de educação física, porque para eles, são atividades de correr e brincar e assim é mais divertido e dizem que dá até para aprender também: *“Na educação física, às vezes, a gente conta, tem que esperar e pensar pra fazer alguma coisa.”* (Keslley, 4ºC)

Em relação ao que é ensinado, eles disseram que é importante, mas que, às vezes, é chato. Uma aluna disse *“Se a gente pudesse usar o celular pra fazer as continhas... seria mais rápido.”* (Yasmin, 4ºC) Outra aluna disse que todas as salas deviam ter um notebook, assim seria mais interessante *“A gente podia pesquisar no google, e saber as respostas.”* (Sophia, 4ºB) Os alunos disseram também que devia ter mais professores na escola, que quando falta é ruim, atrapalha. Eles disseram que quando a professora ensina de um jeito diferente é mais legal e mais fácil de aprender. Um aluno deu um exemplo:

*“Hoje a professora foi ensinar aquele negócio [...] dos números, chama fração. Aí, ela pegou uma folha e deu um pedaço igual para todo mundo, e cada vez, ela mandava a gente dobrar do mesmo tamanho. E depois, ela explicou que fração é dividir um pedaço em um tanto de pedaços menores, mas do mesmo tamanho. Eu achei que foi bem mais legal assim, do que ela passar no quadro.”* (Hugo, 4ºA)

Os outros estudantes que eram da mesma turma concordaram. De modo geral, fica claro que os alunos acham importante o que é ensinado, mesmo que discordem sobre quais matérias gostam ou não gostam, entretanto demonstraram que quando o professor dá muito conteúdo para copiar ou muito para casa eles acham chato e cansativo, alegando, em relação ao para casa, que nem sempre tem alguém que os ajude e ficam sem tempo para brincar e ver televisão.

Já sobre a frequência, eles apontaram os colegas que faltam mais, esses por sua vez, disseram que faltam porque dormem tarde, que os pais não os acordam, ficam doentes e, algumas vezes, têm preguiça de ir para escola. É importante, ressaltar aqui, quando a escola entra em contato com as famílias para saber o motivo da infrequência do estudante, na maioria das vezes, estas são as mesmas explicações que os responsáveis dão para as faltas.

#### iv. relação com professores, colegas e funcionários

Nesse tópico foi discutido como os alunos estabelecem vínculos com os sujeitos da escola e, em geral, eles disseram, que gostam de conversar e brincar com os colegas. Em relação as professoras, a maioria disse que gosta e acha as professoras legais. Observaram, entretanto, que não gostam quando elas dão muito para casa, passam muita matéria pra escrever e dão ocorrência. Disseram, que gostam de conversar com a professora quando podem. Outra aluna disse: “Quando eu vejo a professora na rua, eu grito ela. Eu gosto da professora.” (Rosana. 4<sup>o</sup>C) Eles demonstraram em suas falas, que procuram ter uma relação de afeto com as docentes.

Entretanto, apontaram que preferem quando as professoras ficam mais calmas e falam baixo. Perguntei se elas falam muito alto, eles disseram que não, só quando eles fazem bagunça. Nesse momento, conversamos um pouco sobre a disciplina e eles afirmaram que quando muitos alunos fazem bagunça a aula fica chata a professora tem que chamar a atenção, isso atrapalha os outros. Outro apontamento foi em relação ao recreio, acham que nesse momento os alunos ficam sem “regras”, batem, falam palavrões e não respeitam os colegas. Em relação aos colegas, ao que parece, a indisciplina é um elemento que marca a relação entre eles de forma negativa.

Quanto aos funcionários, disseram que gostam deles, porque fazem merenda e limpam a escola: *“Eu gosto dos funcionários. Do Lucas e do Claudinei, porque eles são legais e conversam com a gente.”* (Luiz, 4ºB) *“Às vezes, eles brigam com a gente, quando a gente corre ou faz alguma coisa errada, aí eu fico brava também.”* (Cecília, 4ºC)

Conseguem perceber que os funcionários se importam com eles, mesmo quando chamam a atenção: *“Quando a gente faz alguma coisa errada, eles conversam com a gente, pra gente não fazer mais.”* (Cássio, 4ºA)

Por meio da roda de conversa, foi possível perceber que os alunos compreendem a escola como um espaço de aprendizagem e de convivência, que da maneira deles, valorizam essa escola, mesmo quando percebem as diferenças existentes entre essa e outras escolas. Assim é pertinente dizer, que eles demonstram entender que a escola é um lugar para se aprender e construir relações.

#### 4.4 – A relação com a literatura

Após ouvir e analisar as falas dos estudantes, podemos perceber, que grande parte do que eles relatam tem uma aproximação com os trabalhos realizados pelo professor e pesquisador Bernard Charlot nos últimos anos. Esse pesquisador aborda de forma sistemática a relação dos estudantes de camadas populares com o saber e a forma como eles aprendem. Muitas falas dos estudantes pesquisados relacionaram a escola a um lugar onde se aprende para vida, o futuro, para ter um bom emprego etc.

Charlot (2010) evidencia que:

Há aqueles que estudam não para aprender, mas para passar para a série seguinte, em seguida novamente para a série seguinte; para ter um diploma, um bom emprego, uma vida normal ou mesmo um belo caminho. Estudar para passar, e não para aprender. (Charlot, 2010. p.51)

De alguma forma, pode-se perceber que os estudantes internalizaram esse discurso, seja ele vindo dos professores ou de suas famílias. A resposta está na ponta da língua. Eles vão à escola para aprender, para ser alguém na vida. O estudante Felipe, turma A, disse “se os alunos não estudar não terá um futuro melhor”. Por isso, quando um estudante diz que vai à escola, porque quer passar de

ano, ter um bom emprego, ser alguém no futuro, isso não é necessariamente um problema, esse discurso não deixa de ser verdadeiro, aliás, é uma necessidade da vida, é um instinto de sobrevivência no mundo, o problema como aponta é Bernard Charlot é: “[...]cada vez mais alunos vão à escola *apenas [grifo do autor]* para passar de ano e nunca encontram o saber como sentido, como atividade intelectual, como prazer.” (CHARLOT, 2013, p. 41)

Não estamos aqui, tentando dizer que a escola não deve fornecer uma formação adequada, que capacite os estudantes a alcançarem aquilo que desejam ou pensam que desejam. Mesmo porque:

A ideia básica da teoria do capital humano, de que a educação é um capital que traz benefícios para a vida profissional, não é apenas ideia dos capitalistas, é também ideia predominante na mente dos jornalistas, dos políticos, quer de esquerda, quer de direita, dos pais e dos próprios alunos. (CHARLOT, 2013, p.41)

Sim, é fundamental que a escola forme e capacite os estudantes, entretanto é fundamental que eles encontrem na escola um sentido e prazer, para que assim estabeleçam uma relação concreta com o saber e, desta forma, aprendam. Para Charlot, “Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender.” (CHARLOT, 2013, p.159), e para que o estudante encontre prazer é preciso mobilizá-lo, despertar nele o desejo de aprender, isso não significa levar o estudante a fazer apenas o que o professor deseja que ele faça, uma espécie de convencimento, mobilizar é diferente de motivar. “A motivação é externa, ao passo que a mobilização é um fenômeno interno: motiva-se alguém de fora, enquanto mobiliza-se a si mesmo de dentro.” (CHARLOT, 2013, p.160)

Conforme dito anteriormente, isso implica em despertar no estudante uma atividade intelectual, para Charlot (2010) só é possível aprender quem desenvolve uma capacidade intelectual, essa capacidade intelectual exige esforço, movimento, sair do lugar, relacionar-se com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Nesse sentido, o autor ressalta que na escola quem aprende não é o eu da experiência cotidiana, mas sim o eu epistêmico, ou seja, o eu pensante, daí a importância de se mobilizar o sujeito em uma atividade intelectual.

Assim, é interessante notar que muitos estudantes atribuíram como algo que desperta o desejo pela escola, a relação com o outro, o desejo de estar com o outro, Maria Eduarda, Turma B “gosto da escola, porque tem meus amigos, posso

conversar e brincar com eles.”, já Antônio, turma C “Aqui é bom pra relacionar com as pessoas e aprender com elas.”

Além disso, muitos alunos disseram que quando as aulas são diferentes, digamos inovadoras, eles gostam mais e aprendem com mais facilidade e não esquecem o que aprenderem. Através do exemplo já citado, do estudante Hugo, turma A, sobre a aula de matemática em que a professora utilizou uma folha de papel branco para ensinar sobre fração para turma. Pôde-se perceber o envolvimento dos estudantes na atividade. Além disso, é interessante notar que uma forma de mobilizar o aluno a uma atividade intelectual, às vezes, exige instrumentos simples e presentes no cotidiano escolar e na vida dos estudantes.

Assim, diante da evidência de que na escola quem aprende é o eu epistêmico e não aquele da experiência cotidiana, é preciso levar o estudante a despertar esse eu epistêmico de forma integrada com o eu da experiência cotidiana, Charlot (2010).

Nesse sentido, Yasmin, turma C, relatou também na roda de conversa, como as aulas de português e leitura, ficaram mais interessantes quando a professora de sua turma propôs um trabalho com os alunos da turma que envolveu músicas de funk<sup>9</sup>, um gênero musical que eles apreciam muito, ela disse que começou a ter mais interesse em ler porque precisou ler as letras dos funks.

Para mobilizar os alunos é preciso considerar que “O aluno é um sujeito que tem desejos, que interpreta o mundo e sua situação nesse mundo” (CHARLOT, 2010, p.166). Portanto, é fundamental que se compreenda que para se mobilizar o aluno é preciso considerar suas experiências cotidianas e as relações que ele estabelece com ele mesmo, com os outros e com o mundo.

Nesse sentido, é preciso considerar o significado que atribuímos a palavra inovação. De acordo com a também professora e pesquisadora Juliana Corrêa da UFMG, práticas inovadoras são aquelas que estabelecem um diálogo com os sujeitos e com contextos de aprendizagem, inovação se dá da relação com o outro, ou seja, não significa aplicar um modelo ou técnica já existente, implica em ouvir o outro. Desta forma “O processo de aprendizagem ocorre na convivência social. É na

---

<sup>9</sup> Cabe dizer, que a professora fez um trabalho minucioso para escolher as músicas, procurando por músicas que tivessem um conteúdo adequado para o ambiente escolar e que também trouxessem um novo olhar dos estudantes para o tipo de funk que ouvem.



relação com o outro que experimento algo novo a cada dia e a cada momento”. (CORRÊA, 2007)<sup>10</sup>.

Diante disso, e pelos exemplos dados, percebe-se que a inovação nesse sentido pode mobilizar o estudante a desenvolver uma atividade intelectual que o leve a aprender e estabelecer uma relação positiva com o saber. Cabe a nós educadores, pensar em alternativas para estabelecer diálogo com os educandos e o contexto onde se dá a aprendizagem.

---

<sup>10</sup> A citação foi retirada de notas impressas da apresentação em um congresso em 2007.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar a relação que os estudantes de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte estabelecem com o espaço escolar, como eles veem a escola, como interagem com ela e o que esperam ou buscam deste espaço.

A princípio partimos do pressuposto de que os estudantes não se identificavam com este espaço e que, aparentemente, não sabiam o que esperar dele. Sendo assim, o objetivo do trabalho foi investigar que tipo de relação estes estudantes estabelecem com esse espaço, quais elementos os ajudam a manter uma relação positiva e, ou negativa com ele. A partir da hipótese de que estes alunos demonstravam não manter um vínculo de relação positiva com essa escola, começamos nossa investigação.

Sendo assim, após a aplicação do questionário, da produção de textos e desenhos e da roda de conversa, pode-se observar que, de forma geral, os alunos veem a escola como um lugar de aprendizagem, esperam que este ambiente proporcione um futuro melhor para eles.

É perceptível que os estudantes estabelecem sim, uma relação positiva com o espaço escolar, a maioria deles, alegou que tem interesse e gostam de ir para escola, e que se pudessem escolher iriam para a escola. De forma surpreendente, a maioria também disse gostar de assistir as aulas. Além disso como elementos que favorecem uma relação positiva com a escola, grande parte deles apontaram:

- Relação com os colegas;
- As professoras;
- Aulas de informática;
- Aulas de educação física.

Isso evidencia a importância da escola como um espaço de relação interpessoal, como um ambiente que favorece a relação com o outro. Além de corroborar com o que Charlot (2013) aponta como fundamental para que o estudante estabeleça relação com aprendizagem, o saber, a relação consigo, com o outro e com o mundo.

Outro apontamento importante dos estudantes, é que aulas com mais inovação, que fuja do tradicional – aula expositiva, cópia, atividades, deixaria as aulas mais atrativas. Os estudantes esperam que as aulas sejam inovadoras, que os

professores utilizem recursos diferentes, tais como, vídeos, computadores materiais concretos. Isso levaria os estudantes a ter mais interesse pelas aulas.

Além disso, como elementos que não favorecem a relação com o espaço escolar, eles evidenciaram os seguintes elementos:

- Espaço físico da escola;
- Tempo insuficiente disponibilizado para as aulas de informática, educação física e recreio;
- Ter que acordar cedo para ir para a escola.

Finalmente, um ponto que chama bastante atenção é que a maioria dos estudantes dizem que tem interesse pelas aulas, que tem interesse em frequentar a escola, pois sabem da importância desta para seu futuro, entretanto observa-se no cotidiano escolar, grande número de estudantes que não fazem seus deveres de casa, muitas vezes, deixam suas atividades de sala incompletas.

Esse fato é inquietante e necessita de um olhar mais aprofundado para melhor entender essa relação que o aluno faz com a escola. Será isso, fruto de uma internalização por parte do aluno de um discurso comumente usado pelos professores/familiares de que se o aluno quer ser alguma alguém na vida precisa estudar? Que sem estudo não se chega a lugar algum?

Esse estudo evidência, em parte, que os estudantes gostam mais das aulas de informática, educação física e arte, mas será que nos perguntamos o porquê deles gostarem mais dessas disciplinas? De forma geral, como professores, parece que esse fato nos incomoda. Acreditamos que os alunos devam gostar mais de matemática, português, ciências, história etc. disciplinas que têm uma carga horária muito maior em nossos currículos. Estas outras disciplinas, muitas vezes, ficam em segundo plano e equivocadamente elas não possuem para muitas pessoas a mesma importância que aquelas que possuem carga horária maior. Entretanto, isso não é uma verdade para os alunos.

Logo, outro aspecto que necessita ser observado é que tem de tão atrativo nas aulas de educação física, informática e arte, que leva os alunos a responderem em sua grande maioria que estas aulas merecem mais tempo no currículo e serem elas apontadas como as favoritas da maioria deles.

Por fim, destaco que as questões colocadas neste trabalho são fundamentais para futuras práticas desenvolvidas e adotadas pela coordenação pedagógica no contexto escolar.

## 6 REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas: 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria: 1. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

CHARLOT, Bernard. Relações com o saber, Formação dos Professores e Globalização: 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORRÊA, Juliane. Corporeidade, afetividade e novas tecnologias. Congresso de Medicina de 2007.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Proposições curriculares para o ensino fundamental. Rede Municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2009. Disponível em [http://www.avaliabh.caedufjf.net/repositorio/diagnosticabh/pdf/proposicoes\\_2\\_ciclo.pdf](http://www.avaliabh.caedufjf.net/repositorio/diagnosticabh/pdf/proposicoes_2_ciclo.pdf). Acesso em 28 de set. de 2019.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Portaria SMED N° 317/2014. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEducao.do?method=DetalheArtigo&pk=1132777>. Acesso em: 12 out. 2019.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Intranet. ....Disponível em <https://prefeitura.pbh.gov.br/sge>, Acesso em: 17 out. 2019.

## ANEXO A - Autorização

## Autorização de uso de imagem

Prezados pais/responsáveis

Estamos desenvolvendo um trabalho na escola com o objetivo de conhecer um pouco mais a o que os estudantes pensam sobre a escola. Uma parte desse trabalho será uma roda de conversa com eles. Por isso, solicitamos autorização para que o estudante participe da roda de conversa, pois elas serão filmadas. Gostaríamos de esclarecer que as imagens dos estudantes não serão utilizadas, somente suas falas. Ressaltamos também que a identidade deles serão preservadas.

Eu \_\_\_\_\_ autorizo o  
estudante: \_\_\_\_\_  
a participar das rodas de conversa na escola.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2019

Assinatura: \_\_\_\_\_

Coordenação Pedagógica

## ANEXO B – Questionário



**LASEB**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO  
DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
UFMG**

PREZADO(A) ALUNO(A)

Este questionário faz parte de um estudo que estamos realizando a respeito do interesse e identificação dos alunos em relação a escola e a aprendizagem. Além desse questionário, você irá participar de uma roda de conversa será realizado em sua sala.

Contamos com sua colaboração para que possamos compreender melhor as relações dos estudantes com a escola e possamos apresentar algumas alternativas para sua melhoria.

Pós graduanda: Gisele Márcia de Oliveira  
Professor Orientador: Danielle Alves Martins

**1) Idade:**

**2) Sexo:** ( ) Feminino ( ) Masculino

**3) O que você mais gosta na escola?**

- ( ) colegas
- ( ) Professoras
- ( ) aula
- ( ) recreio
- ( ) integrada
- ( ) Merenda

**4) O que você menos gosta na escola?**

- ( ) colegas
- ( ) Professoras
- ( ) aula
- ( ) recreio
- ( ) integrada
- ( ) Merenda

**5) Você gosta da escola? ( ) sim ( ) não**

Porque? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

**6) Você consegue entender o que a professora explica nas aulas?**

- ( ) Sim, eu sempre entendo as explicações da professora.
- ( ) Não, eu nunca entendo as explicações da professora.
- ( ) Na maioria das vezes eu entendo as explicações da professora.
- ( ) Poucas vezes eu entendo as explicações da professora.

**7) O que te faz (ou faria) gostar das aulas?**

- ( ) aulas com vídeo
- ( ) computador
- ( ) recorte/colagem
- ( ) música
- ( ) colorir
- ( ) dobraduras

**8) Qual matéria você mais gosta? Escolha apenas uma opção.**

- ( ) Todas as matérias
- ( ) Nenhuma
- ( ) Matemática
- ( ) Português
- ( ) Ciências
- ( ) Educação Física
- ( ) Geografia
- ( ) História
- ( ) Arte

**9) Qual matéria você menos gosta? Escolha apenas uma opção.**

- Todas as matérias
- Nenhuma
- Matemática
- Português
- Ciências
- Educação Física
- Geografia
- História
- Arte

**10) Se você pudesse tirar uma matéria da escola, qual você escolheria.**

**Escolha apenas uma opção.**

- Todas as matérias
- Matemática
- Português
- Ciências
- Educação Física
- Geografia
- História
- Arte

**11) Você se distrai facilmente nas aulas?**

- Não, eu sempre presto atenção nas aulas.
- Sim, eu consigo prestar atenção nas aulas.
- Na maioria das vezes, eu me distraio nas aulas.
- Na maioria das vezes, eu presto atenção nas aulas.



**12) Você tem interesse/vontade em assistir as aulas?**

Sim.

Não.

As vezes.

**13) Você tem interesse/vontade de vir para escola?**

Sim.

Não.

As vezes.

**14) Se você pudesse escolher, você viria para escola?  Sim  Não**

**15) O que você gostaria que tivesse na escola e que faria que você gostasse mais dela?**

Aulas com recursos diferentes. ( Vídeos, computador, etc)

Aula de música.

Aula de dança.

Excursões

Outros: \_\_\_\_\_.

**16) Você falta muito na escola?  Sim  Não**

**17) Você já repetiu algum ano?  Sim  Não Qual? \_\_\_\_\_**